



## Uso e Gestão Sustentável da Comunicação em Espaços Educativos Formais e Não Formais<sup>1</sup>

Bruno FUSER<sup>2</sup>

Cláudia Rodrigues CASTRO<sup>3</sup>

Emilia de Mattos MERLINI<sup>4</sup>

Rodrigo GALDINO<sup>5</sup>

Maria Fernanda França PEREIRA<sup>6</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### RESUMO

Este texto traz os principais aspectos de projeto de extensão em interface com pesquisa, elaborado coletivamente por grupo de pesquisadores e extensionistas da UFJF, voltado para a intervenção nos campos da educação e comunicação. Através de metodologia da educomunicação e com uso de jogos colaborativos, o projeto pretende desenvolver uma série de atividades e reflexões na perspectiva também da pesquisa participante, da sustentabilidade e da comunicação comunitária. Além dos referenciais teórico-metodológicos e das dinâmicas propostas, são apresentados dados como cronograma, recursos necessários, resultados esperados e a participação prevista de cada um dos atores sociais envolvidos nas ações.

**PALAVRAS-CHAVE:** educomunicação; educação; comunicação comunitária; jogos colaborativos; gestão sustentável

### INTRODUÇÃO

Apresentamos aqui, para conhecimento, reflexão e discussão, alguns aspectos de projeto de extensão em interface com pesquisa recém-encaminhado à FAPEMIG. Os objetivos desse projeto são, entre outros, facilitar a professores e alunos de duas escolas públicas da região da Zona da Mata (MG) o uso das ferramentas de comunicação e integrar a comunidade à escola - e vice-versa - através das tecnologias de informação e comunicação, de forma a propiciar um ambiente comunicacional democrático e dialógico.

Este projeto é de autoria de integrantes do grupo de pesquisa Processos comunicacionais, educação e recepção,<sup>7</sup> do PPGCOM/UFJF, e foi elaborado não apenas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Professor adjunto da Facom/UFJF, email: [bruno.fuser@ufjf.edu.br](mailto:bruno.fuser@ufjf.edu.br).

<sup>3</sup> Professora assistente da Facom/UFJF, email: [claudiacastrojf@gmail.com](mailto:claudiacastrojf@gmail.com).

<sup>4</sup> Mestranda do PPGCOM/UFJF, email: [emiliamerlini@uol.com.br](mailto:emiliamerlini@uol.com.br).

<sup>5</sup> Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela UFJF, email: [galdino.jornalismo@gmail.com](mailto:galdino.jornalismo@gmail.com).

<sup>6</sup> Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFJF, email: [fernandinha\\_fp@yahoo.com.br](mailto:fernandinha_fp@yahoo.com.br).

<sup>7</sup> Autodefinido como grupo extensionista de pesquisa, ou seja, aquele que, segundo a FAPEMIG, é formado por “um conjunto de pesquisadores, de uma ou mais instituições, reunidos por uma linha de pesquisa multidisciplinar



para tentar obter verba de apoio da FAPEMIG, mas também como estratégia de construção coletiva de uma proposta teórica e de intervenção no campo de interface entre comunicação e educação. Assim, entendemos o projeto como fator de coesão e discussão internamente ao grupo, composto por diferentes perfis profissionais e acadêmicos, que buscam pontos de convergência com objetivos comuns, em que pese sua heterogeneidade.

Além dos referenciais teóricos, aqui bastante resumidos, estamos trazendo neste texto elementos como dinâmicas que se pretendem aplicar no projeto, caso seja aceito pela FAPEMIG, além de informações sobre recursos materiais, aspectos que poucas vezes são abordados em apresentações como esta – e, assim, justamente são questões sobre as quais pouca discussão se realiza, mas se constituem em um dos pontos mais delicados, relativos à operacionalização das propostas que fazemos.

## **REFERENCIAIS TEÓRICOS**

O educador Paulo Freire, um dos principais defensores da educação como prática da liberdade, menciona, em muitos de seus estudos, a relação entre educação e comunicação. Para Freire (1975), a atuação do professor (o “educador-educando”, nas suas palavras) deve proporcionar uma ação consciente do homem, no sentido de mudar o seu mundo e a sua realidade. Dessa forma, extensão e comunicação funcionam como palavras antagônicas. Segundo Freire, a verdadeira educação prioriza o diálogo, a comunicação, a interação entre as partes, o que possibilita a libertação dos indivíduos; já a extensão é essencialmente invasão cultural. Citando as práticas de extensão rural, nas quais o extensionista leva o conhecimento pronto, acabado, às comunidades, o pensador brasileiro prega o ideal de uma educação dialógica, na qual o educador/extensionista seja o porta-voz do diálogo, base de uma educação autêntica. Propõe-se, assim, uma visão crítica/dialógica da própria atuação do extensionista - uma extensão crítica e dialógica -, em contraposição à ação muitas vezes apontada como autoritária realizada por técnicos (inclusive ligados à academia) que intervêm em distintas áreas do conhecimento.

No que se refere à relação da educação com a comunicação, a nossa escolha teórica é a da educomunicação, cuja primeira referência aparece em um texto de Mário Kaplún e María Elena Herмосilla: *La Educación para los medios en La formación del comunicador social*, em Montevideu, no ano de 1987. O termo foi utilizado

---

integrada à extensão, e que estabeleçam uma relação dialógica com a comunidade externa, interferindo na realidade social”.

separadamente “Edu-comunicador” e se referia ao profissional que atuava na relação da comunicação com a educação. Depois disso, Ismar de Oliveira Soares, que já havia trabalhado com comunicação popular, em 1995 publica um texto na revista *Tecnologia Educacional*, em que trata da necessidade de um profissional que atuasse nesta interface como um gestor de comunicação educativa (MACHADO, 2009).

Após a fundação do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP), em 1997, Soares e outros pesquisadores investigam, junto a 176 especialistas, de 12 países da América Latina, a relação da comunicação com a educação e concluem que há um novo campo emergente em formação (MACHADO, 2009). Esse novo campo recebe o nome de educomunicação, onde é ressemantizado o termo originalmente utilizado por Kaplún:

O conceito refere-se a um campo emergente de intervenção social, ou seja, ao conjunto das ações próprias de programas que promovem o planejamento, a implementação e a avaliação de processos e produtos, criando e fortalecendo ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e participativos em espaços educativos, presenciais ou mesmo virtuais, tendo como consequência a melhoria do coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo, neste contexto, as relacionadas com o uso dos recursos da informação nos processos de aprendizagem. (SOARES, 2002, p. 115).

O conceito extrapola a educação para a recepção crítica e busca a intervenção social em **cinco áreas de atuação**, de modo a favorecer a prática cidadã mediante “a aprendizagem sobre como aplicar a gestão participativa e democrática dos recursos da informação nos espaços educativos” (MACHADO, 2009, p. 33):

- a área da **expressão comunicativa** por meio do uso dos recursos da informação e das artes. Trata-se do esforço de grupos em buscar novas formas de expressão que superem a escrita. As artes corporais ou as possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias ampliaram, substancialmente, o potencial expressivo das comunidades humanas (...);
- a área da **educação para a comunicação**, configurada nos esforços sistemáticos de educadores, no sentido de colaborar com os usuários dos meios massivos, na formação do que Paulo Freire denominou “consciência crítica”, frente às mensagens editadas e veiculadas por poderosos sistemas de comunicação (...);
- a área da **mediação tecnológica nos espaços educativos**, constituída pelos esforços no sentido de identificar a natureza da interatividade propiciada pelos novos instrumentos da comunicação (...);
- a área da **gestão da comunicação nos espaços educativos**, caracterizada pela abordagem sistêmica das relações entre os recursos da comunicação e as atividades humanas, garantindo o planejamento e uma implementação organizada dos recursos da informação, de modo a assegurar a eficácia na construção dos *ecossistemas comunicativos*. A área da gestão da comunicação

nos espaços educativos é a que garante coordenação e eficiência às demais áreas, permitindo que se obtenha visibilidade para as ações educacionais (...);

- a área da **reflexão epistemológica** sobre o campo da Educomunicação, que inclui a pesquisa e a avaliação sistemática, destinadas a compreender a complexidade das relações entre comunicação e educação (idem, p. 33-34).

O conceito de educomunicação passou a ser utilizado nacional e internacionalmente e se consolidou no Brasil com a licenciatura e o bacharelado, respectivamente na Universidade de São Paulo e na Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba, aprovados em 2010 e em 2009.

Outra perspectiva conceitual importante é da mídia educação, ou *media education*, apresentado entre outros pesquisadores por Fantin (2006). Ela parte do conceito de hegemonia em Gramsci e concebe as mídias como um “sistema de reprodução social ao mesmo tempo em que configuram uma arena de luta hegemônica cultural e política-econômica e os estudos de audiência considerando o papel ativo na interpretação dos textos midiáticos” (FANTIN, 2006, p. 72), mostrando que além da crítica às produções é importante conhecer e desconstruir sua lógica, reconhecendo onde se inserem os valores hegemônicos.

Tal concepção considera a produção midiática como uma das instâncias da prática social, que se relaciona também com outras práticas, e tem como uma de suas principais matrizes conceituais nos Estudos Culturais. A partir dessa perspectiva vão se desenvolver pesquisas que utilizam os referenciais da semiótica, da ideologia e da análise do consumo em sua relação com os meios de comunicação (FANTIN, 2006).

A utilização em tais estudos da expressão mídia educação, e não educomunicação, é justificado teoricamente por Belloni (2002), que relaciona e analisa os diversos conceitos utilizados na interface comunicação e educação. Para ela *comunicação* oferece um excesso de generalidade: “comunicação é um conceito demasiado amplo e não contempla a especificidade do problema que nos ocupa, referente as características técnicas dos meios” (BELLONI, 2002, p. 35-36). A autora ressalta que não há consenso sobre os termos que se referem a essa interação e prefere *mídia educação* por estar mais próximo do termo internacional *media education*.

Neste projeto, os dois conceitos são considerados como relevantes, e passíveis de serem conciliados no desenvolvimento das atividades de extensão em interface com pesquisa, porém, teoricamente, optamos pela educomunicação por considerarmos que esse conceito ressalta a importância da comunicação dialógica – e de seus fluxos – nos

ambientes escolares, nas instituições, na relação entre as pessoas e nos processos que envolvem essas práticas. Já a expressão mídia educação – apesar de ter a palavra “educação” completa na sua grafia, e, também, apesar de muitos pesquisadores que trabalham tal perspectiva deixarem claro que não estão centrados no produto, mas na inter-relação processo-produto – nos parece enfatizar a produção de mídia e seus resultados, mais que a comunicação e o processo de trabalho.

Destacamos que nenhum dos conceitos em questão apresenta uma metodologia de trabalho fechada, centrando-se na apresentação de orientações gerais, as quais foram aqui apresentadas. No caso da educomunicação, no entanto, o detalhamento anterior de **cinco áreas de atuação** favorecem a definição e apresentação de metodologias de trabalho, conforme será feito a seguir.

## **METODOLOGIA**

Das cinco áreas de atuação da educomunicação apresentadas anteriormente, trabalharemos com quatro delas: **mediação tecnológica nos espaços educativos, educação para a comunicação, gestão da comunicação nos espaços educativos e reflexão epistemológica** sobre o campo da educomunicação. Outras perspectivas em termos metodológicos são constituídas pelos princípios dos ecossistemas comunicacionais e da sustentabilidade aplicados à educação e os princípios da gestão sustentável na comunicação corporativa.

Um dos pilares da educomunicação com os quais trabalharemos é a **mediação tecnológica nos espaços educativos**, que tem por fundamento identificar – e, acreditamos, buscar incrementar – o sentido de interatividade que as tecnologias de comunicação e informação podem propiciar. Neste projeto, tais atividades, voltadas essencialmente para a dimensão educativa formal, estão consolidadas no **Eixo 1 - Mediação tecnológica nos espaços educativos**, conforme descrito mais à frente. Também neste eixo estão incluídas parte das atividades de **gestão da comunicação nos espaços educativos**.

Os docentes, formadores de opinião, precisam compreender as formas como estes discursos são construídos, aprendendo a codificá-los e decodificá-los desde a sua origem, ainda em processo de construção pelos jornalistas e outros produtores de conteúdos midiáticos. Precisam identificar as especificidades da comunicação por áudio, tv e internet, pois a linguagem muda a forma de produção. Desta forma, poderão

interpretar seus códigos e possibilidades expressivas, bem como - e talvez principalmente - analisar as possíveis manipulações a que estes códigos estão sujeitos.

As atividades que envolvem alunos e demais integrantes das comunidades do entorno das escolas serão desenvolvidas no **Eixo 2** deste projeto, denominado **Educação para a comunicação**. Enquanto a mídia hegemônica estabelece relações de dominação e de ausência de diálogo, formatando seus produtos a partir de centros de poder que pouco ou nenhum espaço dão a grupos locais e subalternos, outras formas de produção de comunicação - e, portanto, uma educação não-formal que é constituída por outros valores - podem e devem ser exercitadas no sentido de buscar alternativas de formação e de construção de cidadania, no sentido de buscar construir uma contra-hegemonia. Temos aqui, exatamente, o espaço de manifestação da comunicação comunitária, participativa e democrática, em sua relação com uma educação dialógica e transformadora. As atividades que compõem o Eixo 2, descrito mais à frente, têm como perspectiva principal a intervenção e pesquisa nos espaços educativos não-formais.

Nossa estratégia, para implementação das práticas educacionais propostas, é a realização de oficinas com aplicação de jogos cooperativos, com produção de mídia por meio da metodologia participativa, através das quais pretendemos: **por um lado**, sensibilizar os docentes a perceberem e experimentarem instrumentos e formas colaborativas de uso de material didático em suas aulas, de modo mais lúdico e motivador; **por outro lado**, desenvolver atividade de comunicação comunitária, de forma dialógica e com vistas a integrar alunos e também moradores do entorno da escola.

Em ambas as dimensões, lançaremos mão dos jogos cooperativos, atividades desenvolvidas em conjunto pelos participantes que, de acordo com Amaral (2004), requerem um trabalho em equipe, com o objetivo de alcançar metas mutuamente aceitáveis. O jogo cooperativo aproveita as condições, capacidades, qualidades ou habilidades de cada indivíduo, aplica-as em um grupo e tenta chegar a um objetivo comum. Brown (1995) compreende as estruturas de cooperação como condição necessária para transformar as desigualdades geradas pelas relações humanas no âmbito social. O autor faz uma reflexão sobre vitória, derrota, a importância do trabalho em grupo e seus valores morais, contribuindo para a percepção de que os professores podem agregar valor social à humanidade, aplicando diferentes procedimentos voltados para a cooperação.

Outra área de atuação da educomunicação, a **gestão da comunicação nos espaços educativos**, será desenvolvida neste projeto a partir da leitura e adaptação de princípios da comunicação corporativa defendidos pela Associação Brasileira de Agências de Comunicação, na perspectiva da gestão sustentável. Em relação às ferramentas específicas dessa área de atuação, nosso planejamento prevê a discussão, na fase de sensibilização dos atores envolvidos no projeto, sobre comunicação integrada e os princípios de comunicação interna como ferramenta de gestão do conhecimento. A comunicação interna nas organizações é ferramenta fundamental em todos os processos rotineiros de trabalho. Na escola, deve ser desenvolvida de forma dialógica para que interfira positivamente no atingimento de metas e objetivos dos projetos educacionais.

A gestão da comunicação nos espaços educativos será desenvolvida ainda a partir dos princípios dos ecossistemas comunicacionais e da sustentabilidade aplicados à educação. Busca-se intervir a partir do entendimento de que ecossistema comunicativo é “o que aparece como estratégico; mais que a intervenção dos meios, é a aparição de um ecossistema comunicativo que está se convertendo em algo tão vital como o ecossistema verde, ambiental” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.54). As premissas da sustentabilidade relacionam-se à forma sustentável que se busca desenvolver, baseada na percepção de que a comunicação de uma instituição deve ser utilizada para promover a sustentabilidade social, gerando formas de comunicação culturalmente adequadas, justas e de forma múltipla, para que possam atingir a todos os seus públicos. A esse respeito, deve-se assinalar a conceituação trazida pela UNESCO (2002): será sustentável o sistema que satisfizer nossas necessidades de crescimento e manutenção e reinvestir o excedente para reinvestimento.

A **reflexão epistemológica sobre educomunicação**, a quarta área de atuação da perspectiva teórica que adotamos, será trabalhada especificamente na metodologia da **pesquisa participante (PP)**, que pretendemos ser o instrumental para sistematizar o conhecimento a ser produzido no projeto extensionista de pesquisa, a partir de suas múltiplas abordagens. Deve dar, portanto, suporte metodológico para o conjunto de atividades a serem desenvolvidas especificamente na interface entre extensão e pesquisa, como permitir a coleta, sistematização e interpretação de dados, assim como a síntese dos mesmos.

Consideramos a pesquisa participante como instrumento metodológico indicado para interagir com professores, jovens e demais interessados, tanto no que se refere às atividades de sensibilização dos professores para uso das tecnologias de comunicação e



informação, como na produção de mídia fora da sala de aula, com os jovens e a comunidade em geral, ou seja, fora do ambiente formal de educação. Na PP, segundo Peruzzo (2006), os conhecimentos são produzidos com os participantes, que se tornam sujeitos da pesquisa e não objetos da mesma. Constrói-se então uma relação sujeito *versus* sujeito, ao invés de sujeito *versus* objeto, como em alguns outros métodos de pesquisa.

## **DADOS PRELIMINARES**

É importante assinalar que em Juiz de Fora já há ações institucionalizadas que procuram estabelecer relações entre as tecnologias da informação e da comunicação (TICs), aplicadas especificamente ao ambiente escolar. O Departamento de Políticas e Ações Pedagógicas da Prefeitura desenvolve um trabalho de levantamento de dados relativos à informatização das escolas do município e dos projetos aí desenvolvidos, assim como a discussão e implementação de propostas de democratização do uso da informática como uma das formas de inclusão social.

A equipe que compõe o projeto que ora se apresenta à FAPEMIG já desenvolveu – e desenvolve – experiências de educação para a comunicação e mediação tecnológica nos espaços educativos. O coordenador desta proposta, Bruno Fuser, é responsável pelo projeto “O professor de informática como educador – oficina de interação social em rede”.<sup>8</sup> Este projeto, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão da UFJF e desenvolvido desde 2007, tem realizado experiências de extensão em interface com pesquisa em diversas escolas de Juiz de Fora. A subcoordenadora do projeto, Cláudia Rodrigues Castro, desenvolve estudos de comunicação em ambientes virtuais<sup>9</sup> e aplica atividades cooperativas em grupos educacionais desde 2002. Nesse ano, atuou em projeto de extensão: “Ações Interdisciplinares Integradas à Saúde”, desenvolvido pela Universidade Presidente Antônio Carlos, no município de Barbacena, Minas Gerais.

Rodrigo Galdino, outro integrante da equipe, idealizou e coordenou o projeto “Nossa Mídia”. Semanalmente, durante os dois semestres do ano de 2011, os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Belmira Duarte Dias, localizada no bairro Parque Burnier, zona leste de Juiz de Fora, se reuniram com os profissionais voluntários do projeto (maioria jornalistas) e com professores da própria escola, a fim de refletir sobre a atual situação dos meios de comunicação e sobre a realidade local, a partir do aprendizado de técnicas jornalísticas. O projeto criou um

---

<sup>8</sup>Maiores informações sobre este projeto podem ser obtidas em <http://www.ufjf.br/conecta/informatica-educativa>.

<sup>9</sup>Cf. em [http://www.bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=1831](http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1831)





grupo<sup>10</sup> na internet, utilizado para a interação, principalmente, entre os professores e os voluntários do projeto. Foi ainda criado um site, na oficina “Jornalismo Cidadão na Web”<sup>11</sup>, e fotos produzidas no projeto estão disponíveis na internet.<sup>12</sup> O “Nossa Mídia” teve financiamento da Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura (Funalfa/Prefeitura de Juiz de Fora) e contou com a colaboração de cerca de dez profissionais voluntários, entre professores, alunos de graduação e pós-graduação, jornalistas e educadores.

A aluna de mestrado da UFJF Emilia de Mattos Merlini, também integrante do projeto, desenvolveu entre 2010 e 2012 três experiências de educomunicação no município de Lima Duarte, onde reside. Os três trabalhos foram realizados com jovens do Ensino Médio, de 14 a 17 anos. Nas escolas, aproveitou-se a infra-estrutura disponível (salas de aula, equipamentos etc.), espaço em que os jovens já se reuniam. O projeto “Jovens Jornalistas”<sup>13</sup> foi realizado no segundo semestre de 2010 com 14 jovens, em idade de 14 a 17 anos, que cursavam o 1º ano do ensino médio de escolas públicas da região. Eles produziram um jornal e um *blog* puderam participar das decisões e do processo de produção, que se embasou nos princípios da educomunicação. Os jovens do projeto foram convidados para formar um conselho da Revista Viração<sup>14</sup> em Lima Duarte, sendo que quatro deles aceitaram a proposta e já publicaram cinco matérias nesse veículo<sup>15</sup>.

Outra integrante do projeto, Maria Fernanda França Pereira, é mestre em Comunicação pela UFJF, especializou-se em comunicação e cultura popular – defendeu dissertação de mestrado em que estuda o samba como elemento de identidade nacional – e atualmente integra como bolsista a equipe do Centro de Pesquisas Sociais da UFJF. Participou de pesquisas em comunicação popular e comunitária, em especial sobre os aportes teóricos para o estudo da participação na comunicação<sup>16</sup>. Consideramos que essa vivência de pesquisadora (e também de profissional de Comunicação) será importante

<sup>10</sup> Disponível em <http://br.groups.yahoo.com/group/falabelmira/>

<sup>11</sup> Cf. em <http://falabelmira.blogspot.com.br/>.

<sup>12</sup> Cf. em <http://www.flickr.com/photos/jornaldechiador/sets/>.

<sup>13</sup> Alguns trechos apresentados neste tópico foram retirados do artigo *Produção de mídia alternativa por jovens de Lima Duarte (MG): a construção de narrativas, de identidades e o exercício da cidadania*. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1277-1.pdf>

<sup>14</sup> [www.viracao.org](http://www.viracao.org)

<sup>15</sup> Confira as matérias em <http://www.viracao.org/revista.htm>: número 72, “Pão de queijo: delícia mineira”; e número 75, matéria para a seção Manda Vê, quando entrevistaram jovens fazendo a seguinte pergunta: “Como você acha que a mídia interfere nas escolhas, cultura e na violência?”, número 77 “Cosplay: a junção de dois mundos”, número 78, matéria sobre permacultura e agroecologia, número 80, matéria sobre *plus size*, modelos que vestem tamanho GG.

<sup>16</sup> Cf artigo publicado na Revista de Estudos da Comunicação (Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 9, n. 20, p. 221-228, set./dez. 2008), disponível em <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/COMUNICACAO?ddl=2636&dd99=view>.



para o projeto, no sentido de contribuir para fazer a conexão entre saberes práticos e teóricos, fundamental para um projeto extensionista de pesquisa.

## **CRONOGRAMA COM FASES E ETAPAS**

Estas perspectivas metodológicas se concretizarão nas seguintes etapas ou fases do trabalho:

Fases preliminares, já realizadas, necessárias para elaboração do projeto:

- organização da equipe participante, do grupo extensionista de pesquisa Processos comunicacionais, educação e recepção; - revisão bibliográfica de questões fundamentais para produção do projeto; - contato com as escolas parceiras, com assinatura de termo de consentimento (foram obtidos os termos de consentimento da Escola Municipal Belmiro Duarte Dias, do bairro Parque Burnier, município de Juiz de Fora, e da Escola Estadual Tiago Delgado, bairro Manejo, município de Lima Duarte); - contato com a Reitoria da UFJF, para obtenção de termo de compromisso institucional com o projeto.

### **1º SEMESTRE**

- **Seleção de bolsistas** de iniciação científica e de apoio técnico. Revisão do **planejamento**. Assinatura dos termos de outorga e demais **providências administrativas**. Previsão: 1 mês.
- **Diagnóstico** da situação encontrada nos ambientes de atuação, incluindo pesquisa documental, visitas às escolas e bairros do entorno, às secretarias municipais de Educação, em Lima Duarte e Juiz de Fora, e à Secretaria Estadual, em Juiz de Fora. A partir de tal diagnóstico, **atualização** de dados sobre as comunidades e sobre as próprias escolas, que subsidiem as etapas operacionais subsequentes. Previsão: 2 meses.
- **Socialização** dos dados obtidos entre os integrantes da equipe, parceiros externos, comunidade acadêmica e demais interessados. Previsão: 1 mês.
- **Sensibilização** das comunidades no entorno das escolas e dos demais atores envolvidos com o projeto (pré-requisito para conhecimento e comprometimento com o projeto; inclui divulgação, visitas, reuniões e outras estratégias com esse objetivo). Previsão: 2 meses.

### **2o. e 3o. SEMESTRES**

- **Revisão** e tabulação de dados obtidos na etapa anterior. Previsão: duas semanas.
- **Produção de material didático** adequado ao conteúdo teórico necessário, com orientação dos educadores que coordenam o projeto; **mobilização** da comunidade e definição dos **jogos cooperativos** a serem aplicados na facilitação do curso de



comunicação para a educação e na criação dos produtos. Tais jogos serão definidos de maneira diferenciada para os professores e para os alunos e demais integrantes da comunidade escolar e externa. Previsão: 1 mês e meio.

- Em seguida, inicia-se a implementação do **Eixo 1 de intervenção**, destinado preferencialmente para **professores e outros profissionais** da educação, através de um curso de **Mediação tecnológica nos espaços educativos** (previsão de máximo de 20 integrantes, 2 meses) e que terá os módulos conforme apresentado nos próximos parágrafos. Este eixo de intervenção está voltado para os espaços educativos formais, com a discussão do uso e possibilidades de diversos aspectos das tecnologias da comunicação e informação em sala de aula. Nesta etapa, como em várias outras, prevê-se a intervenção a partir de equipes de extensionistas/formadores, e cada equipe (formada entre dois e três integrantes da equipe, e mais os bolsistas) se encarregará da facilitação das atividades com o grupo, através de 7 encontros de 4 h cada, integralizando 28 h. As atividades se realizarão nas duas escolas que já assinaram termo de compromisso nesse sentido, Escola Municipal Belmiro Duarte Dias, de Juiz de Fora, e Escola Estadual Tiago Delgado, de Lima Duarte, com participação dos bolsistas. Os dias de atuação serão necessariamente distintos, pois os computadores portáteis e as máquinas fotográficas serão os mesmos nas duas escolas - excetuando-se um notebook e um HD externo de uso destinado em separado para cada equipe.

### **EIXO 1 - Mediação tecnológica nos espaços educativos**

- Aprender a comunicar/leitura crítica da mídia; - Usos e gratificações da virtualidade; Como usar impressos em sala de aula; Como usar a tv e o vídeo na sala de aula; Como usar o rádio na sala de aula; Como usar as TIC's na sala de aula; Como usar a comunicação para a manutenção da sustentabilidade.

### **EIXO 2 - Educação para a comunicação**

Após o desenvolvimento das etapas anteriormente descritas, será desenvolvido um segundo eixo de intervenção, aberto a alunos e demais atores das comunidades do entorno (a partir da idade de 14 anos), cujo objetivo principal está relacionado com a **educação para a comunicação** (denominação adotada a partir das áreas de atuação da educomunicação, conforme discutido anteriormente), e que será a oportunidade de produção midiática comunitária. A seguir detalhamos o planejamento dessa etapa.

**Proposta geral:** realizar oficinas que envolvam atividades de recepção crítica e de produção de veículos de comunicação internos às escolas e comunitários, voltados para a prática de cidadania participativa e inclusão social. As pautas (ou “palavras



geradoras”, na definição de Paulo Freire) serão discutidas em cada encontro, o que deve propiciar o desenvolvimento de produtos jornalísticos que traduzam os interesses da comunidade local. Reflexões sobre o ambiente escolar, a sua cultura, a história do bairro e do município e as condições locais de infraestrutura, por exemplo, serão estimuladas, com o intuito de proporcionar uma análise crítica quanto ao cenário atual e sobre a necessidade de sua transformação. A parte técnica do trabalho (diagramação, fotografia, gravação e edição de vídeos e áudios etc.) será feita pela própria comunidade, que deve se apropriar dos recursos tecnológicos, o que garantiria o surgimento de lideranças comunitárias aptas a darem continuidade às atividades de forma autônoma. A análise dos veículos comerciais e a comparação com a estrutura produtiva e também ideológica dos veículos alternativos (como jornais escolares, jornais de bairro, rádios comunitárias e TVs públicas, por exemplo) será realizada com o objetivo de estimular a criticidade dos participantes.

Todos os módulos serão compostos de 8 encontros de 4 horas, cada, com previsão, portanto, cada um deles, de 2 meses de duração, com no máximo 20 participantes. A oficina de impresso irá estimular a confecção de pautas fora do ambiente escolar. Ou seja, os estudantes e demais integrantes terão a oportunidade de produzir reportagens sobre o bairro, em horário extracurricular. Na de rádio, a cada duas semanas um programa rádio será produzido pelos participantes, variando-se o formato adotado (ora programa de entrevista, ora musical, ora jornalístico) e o local de veiculação (escola, posto de saúde, web). A oficina de internet irá estimular a produção de conteúdo próprio, sejam blogs, sejam sites, em que os estudantes terão a oportunidade de produzir conteúdos de seu interesse, por meio de pesquisas em sua comunidade ou outras fontes, para falar sobre temas de seu interesse e de sua vida, e também por meio da produção de diários online. Finalmente, na oficina de vídeo, haverá também produção coletiva, a ser apresentada em locais públicos do bairro e disponibilizados na internet.

#### **4º SEMESTRE**

Reflexão, análise, interpretação dos dados obtidos a partir das intervenções, produção científica que resultará na publicação de uma coletânea de artigos previamente apresentados em eventos acadêmicos da área. Socialização da experiência e de seus resultados através da produção de um evento aberto ao público externo e de reuniões com as escolas parceiras. Previsão: 6 meses.



## **INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS**

Nas escolas em que será desenvolvido o projeto já há algum equipamento disponível – aparelho de TV, de DVD, projetor multimídia – em especial para vídeo/TV, fotografias, apresentações diversas que utilizem arquivos multimídia. A Escola Municipal Belmiro Duarte Dias, de Juiz de Fora, possui laboratório de informática bem equipado, mas que já é usualmente utilizado em atividades de informática educativa. Já a Escola Estadual Tiago Delgado, de Lima Duarte, é bem mais carente nesse sentido. De qualquer forma, será necessário adquirir material permanente, de consumo, passagens rodoviárias, contratar dois bolsistas (de apoio técnico e de iniciação científica), entre outros custos: 5 máquinas fotográficas com capacidade de gravar vídeos; 12 computadores; 1 impressora; 5 gravadores mp3/mp4; 2 HDs externos; 20 cartuchos para impressora; papel; 5 cartões de memória; material gráfico. Prevê-se ainda verba para publicação de 1 livro, para impressão de 4 jornais formato tabloide e para 23 deslocamentos ida e volta entre Juiz de Fora e Lima Duarte. Os equipamentos serão de uso, quase sempre, em grupos de dois usuários (computadores) ou quatro (máquinas fotográficas e gravadores).

## **ATIVIDADES A SEREM REALIZADAS COM A COMUNIDADE**

**Gestores das escolas** – discussão das linhas gerais do projeto, elaboração e assinatura de termo de consentimento, entrevistas e informações para elaboração do diagnóstico, discussão das etapas de implementação das atividades, acesso e discussão permanente dos dados obtidos, revisão eventual de etapas e fases do projeto, colaboração na sensibilização da comunidade escolar e do entorno; colaboração na elaboração do material didático; eventual participação nas atividades do Eixo 1 do projeto; participação na socialização da experiência e de seus resultados.

**Secretarias estadual (delegacia regional) e municipal de Educação** – colaboração na elaboração do diagnóstico da situação encontrada nos ambientes de atuação; participação na socialização da experiência e de seus resultados.

**Professores das escolas Belmira Duarte Dias e Tiago Delgado** - colaboração na elaboração do diagnóstico da situação encontrada nos ambientes de atuação; inserção nas atividades de sensibilização das comunidades no entorno das escolas e dos demais atores envolvidos com o projeto; colaboração na elaboração do material didático; participação na mobilização da comunidade e na definição dos jogos cooperativos a serem aplicados na facilitação das atividades; participação nas atividades do Eixo 1 do



projeto; acesso e discussão permanente dos dados obtidos, revisão eventual de etapas e fases do projeto; participação na socialização da experiência e de seus resultados.

**Alunos e demais interessados (moradores do entorno, familiares dos alunos) –**

Participação nas atividades de sensibilização das comunidades do entorno das escolas e dos demais atores envolvidos com o projeto; participação na mobilização da comunidade e na definição dos jogos cooperativos a serem aplicados na facilitação das atividades; participação nas atividades do Eixo 2 do projeto, com produção de reportagens para veículo impresso, visitas a jornal e gráfica, produção de programas de rádio, de blogs, com textos e fotografias dos próprios atores partícipes das atividades, produção de vídeos, divulgação do material produzido nas diversas mídias através da internet, chats e contato direto ou virtual com profissionais de diversas áreas; participação na socialização da experiência e de seus resultados.

**IDENTIFICAÇÃO DOS PRODUTOS TÉCNICOS A SEREM GERADOS**

Apresentação de trabalhos em congressos: 5; artigos em revistas especializadas: 5; bolsa de apoio técnico nível II: 1; bolsa de iniciação científica: 1; capítulos de livro: 5; dissertação de mestrado: 1; livros publicados: 1; material didático: 11; publicações em jornais e revistas de divulgação cultural: 6; relatórios técnicos: 2; resumos publicados: 5; trabalhos completos em anais: 5; vídeo-filmes: 10; jornais impressos formato tablóide: 4; programas de rádio: 4; website: 1; blogs do projeto: mínimo de 2.

**COMENTÁRIOS FINAIS**

Nesta versão, bastante resumida em relação ao texto que foi encaminhado à FAPEMIG, optamos por realizar cortes em questões como justificativa e mesmo nos referenciais teóricos, para que fosse possível apresentar, ainda que em linhas gerais, as dinâmicas que se pretende desenvolver, equipamentos necessários e até cronograma de atividades. Assim, buscamos propiciar a discussão de aspectos que, embora sempre presentes em projetos de pesquisa ou de extensão, são por vezes relegados a segundo plano. Para encerrar o texto, consideramos essencial, ainda, destacar os possíveis benefícios do projeto às comunidades envolvidas:

- Fornecer dados sobre a situação da escola em seu campo de atuação na comunidade e em seu entorno;
- criar oportunidades de que os participantes se insiram no contexto educacional com visão crítica dos meios de comunicação e de suas formas de produção;
- colocar em pauta a qualidade, a consistência da escola e da informação produzida por esta que é colocada em circulação no seu ecossistema comunicacional;
-



desenvolver estratégias para envolver continuamente a escola em reflexões sobre a mídia; - permitir o acesso às novas tecnologias de produção midiática e desenvolver produtos comunicacionais de articulação comunitária; - possibilitar a adequação da escola às exigências de gestão sustentável da comunicação em seus diversos ambientes de atuação; - permitir a criação e aplicação de conhecimento voltado para a interface entre comunicação e educação, jogos cooperativos, comunicação comunitária; - fomentar a cidadania e o desenvolvimento local de forma sustentável.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Jader Denicol. **Jogos cooperativos**. São Paulo: Phorte, 2004.

BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação ou comunicação educacional? Campo novo de teoria e prática. In: BELLONI, Maria Luiza (Org.). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002.

BROWN, G. **Jogos cooperativos: Teoria e prática**. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

FANTIN, Mônica. **Crianças, cinema e mídia-educação: Olhares e experiências no Brasil e na Itália**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

KAPLÚN, Gabriel; HERMOSILLA, Maria Elena. **La educación para los medios en la formación del comunicador social**. Montevideo, Uruguay, Fundación de Cultura Universitária, Licenciatura de Ciencias de La Comunicación de La Universidad de La República, 1987.

MACHADO, Eliany Salvatierra. **Pelos caminhos de Alice: vivências na educomunicação e a dialogicidade no Educom.TV**. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, [18] : 51 a 61, maio/ago. 2000.

PERUZZO, Cicilia M. K.. Observação participante e pesquisa-ação. In: Jorge Duarte e Antonio Barros (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 125-145.

SOARES, Ismar de Oliveira. Metodologias da educação para comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

UNESCO. **Teaching and learning for a sustainable future**. 2002. Disponível em: <[www.unesco.org/education/tlsf](http://www.unesco.org/education/tlsf)> Acesso: 20.04.2012